

Lugares topofóbico: violência sexual intrafamiliar

Tophophobic places: intrafamily sexual violence

Ana Paula de Aquino Pereira Lyra³⁵
Maria das Graças Silva Nascimento Silva³⁶

RESUMO: O presente trabalho abordará a violência sexual intrafamiliar sofrida por meninas na região urbana de Porto Velho em Rondônia, está retratada em minha dissertação de mestrado em geografia no ano de 2015. Sabe-se que o incesto perpassa todas as camadas sociedade, mas predomina nas classes mais vulneráveis socialmente, deixa sequelas profundas nas vítimas, sendo em sua maioria do gênero feminino. O incesto é uma invasão do corpo infanto-juvenil que aprisiona a vítima e deixa cicatrizes que dificilmente serão sanadas. Observaremos suas representações, os elementos de poder, as relações de gênero e os lugares topofóbicos onde é perpetrada a violência sexual. Com a abordagem fenomenológica buscamos compreender a dinâmica da família incestogênica, mostrando os pactos de silêncio estabelecidos no espaço e lugar onde está violação perpetua. Para melhor compreensão do fenômeno selecionamos seis famílias, analisando de forma participativa suas correlações violativas no ambiente familiar. Nos resultados contribuímos para uma reflexão crítica e interdisciplinar sobre as manifestações da violência sexual no núcleo familiar.

Palavras-Chaves: Violência Sexual. Família Incestogênica. Lugar e Espaço.

ABSTRACT: The present work will address the intrafamilial sexual violence suffered by girls in the urban area of Porto Velho in Rondônia, is portrayed in my dissertation of geography in the year 2015. It is known that incest permeates all strata of society, but predominates in the most socially vulnerable classes, leaves deep sequelae in the victims, being mostly female. Incest is an invasion of the infant-juvenile body that imprisons the victim and leaves scars that will hardly be healed. We will look at their representations, the elements of power, the gender relations, and the topophobic places where sexual violence is perpetrated. With the phenomenological approach we seek to understand the dynamics of the incestogenic family, showing the pacts of silence established in the space and place where it is perpetual violation. To better understand the phenomenon, we selected five families, analyzing in a participatory way their violative correlations in the family environment. In the results we contribute to a critical and interdisciplinary reflection on the manifestations of sexual violence in the family nucleus.

Key Words: Sexual Violence. Incestogenic Family. Place and Space.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresentará uma análise sobre a violência sexual de meninas no núcleo familiar descritas em minha dissertação de mestrado em geografia no ano de 2015. Através das lentes geográficas podemos refletir sobre esta violação, procurar explicar os fenômenos que permeiam este cotidiano e as experiências que são inevitavelmente espaciais. Nesta amostra apontamos o espaço e o lugar de meninas violadas sexualmente por quem amam e confiam. O incesto será apresentado como um paradoxo nas relações familiares, e como se dá a construção dos pactos de silêncio no lar, este conceituado como lugar topofóbico.

O artigo tem como inferência a violência sexual intrafamiliar dando ênfase ao incesto sofrido por meninas que vivem em Porto Velho no estado de Rondônia, especificamente na região urbana. Os pactos de silêncio cercam essa questão, em que existem o medo das vítimas em falar, e a surdez dos adultos e da sociedade em escuta-las.

Na construção deste artigo utilizou-se o banco de dados da dissertação coletados nos anos de 2010-2014, no Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS, no serviço executado pela equipe técnica em atendimento a violência sexual infanto-juvenil em Porto Velho/RO. Este Centro Especializado tem como aporte a Política Nacional de Assistência Social, gerido pela Prefeitura Municipal através da Secretaria Municipal de Assistência Social - SEMAS.

O trabalho analisa o espaço e lugar que compõem o fenômeno da violência sexual intrafamiliar, os elementos de poder, as relações de gênero e a constituição geográfica enquanto

³⁵ Bacharel em Serviço Social. Faculdade da Amazônia. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero-GEPGÊNERO-UNIR e *Mestra* em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. E-mail: paula.as.ro@hotmail.com.

³⁶ Professora Doutora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero. É também docente do quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. E-mail: gracinhageo@hotmail.com.

espaço e lugar deste fenômeno. Enfocando as interações incestogênicas e como ela se apresenta nesta porção da região amazônica.

2. A VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR

A violência sexual configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança, tendo por finalidade estimular sexualmente ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. Ressalte-se que em ocorrências desse tipo a criança é sempre vítima e não poderá ser transformada em ré (AZEVEDO; GUERRA. 1995).

Esta violência transcorre por todas as classes sociais e ultrapassa gerações, perpetuando na família de forma velada, sendo manifestada muitas vezes apenas quando o indivíduo atinge a idade adulta com uma compreensão melhor do mundo. Várias famílias internalizam atos violentos como prática normal entre os membros e, infelizmente neste processo, as práticas incestuosas também são perpassadas e potencializadas pelo segredo da família.

A violência intrafamiliar perpetua-se pela indiferença de muitos e pelo não envolvimento da sociedade em questões ditas familiares. Entendemos que quando há a violência (ou suspeita), devemos, sim, intervir através dos órgãos de proteção para o cerceamento destes atos.

Saffiotti nos esclarece algumas definições no contexto da violência intrafamiliar:

[...] Compreendida na violência de gênero, a violência familiar pode ocorrer no interior do domicílio ou fora dele, embora seja mais frequente o primeiro caso. A violência intrafamiliar extrapola os limites do domicílio. [...] A violência doméstica apresenta pontos de sobreposição com a família, podendo também atingir pessoas que, não pertencem à família, vivem parcial ou integral, no domicílio do agressor [...] (SAFFIOTTI, 1999, p.83)

Diferente do que muitos compreendem a violência intrafamiliar pode acontecer em qualquer lugar, não apenas dentro da residência, o que a define são os laços de consanguinidade ou de afetividade entre vítima e agressor. Que tenha relações parentais ou considerações afetivas nestes elos fraternais. Esta violação geralmente acontece dentro dos lares, e neste lugar cria-se pactos de silêncio e perpetuação.

Dentro da violência sexual temos dois tipos de violações o abuso sexual e a exploração sexual. O abuso envolve contato sexual entre uma criança ou adolescente e um adulto ou pessoa significativamente mais velha e que exerce poder. Já a exploração define-se como uma prática sexual envolvendo crianças ou adolescentes para fins lucrativos, existindo assim um ganho em troca da utilização do corpo da vítima.

Nesta amostra foca-se o abuso sexual sofrido por meninas da região amazônica. A definição mais utilizada no Brasil sobre o abuso sexual é a de Monteiro, Abreu, Phebo (1997):

Situação em que uma criança ou adolescente é usada para gratificação sexual de um adulto, baseada em uma relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação de genitália, mama ou ânus, 'voyeurismo', pornografia e exibicionismo, até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem utilização de violência física. (p.7).

Esta definição vem considerar a classificação diversa de respostas sexualmente agressivas, explicando que é possível haver abuso sexual sem contato físico, como no caso do voyeurismo ou exibicionismo.

O abuso sexual abrange qualquer toque ou carícia imprópria, incluindo comportamentos como incesto, molestamento, estupro, contato oral-genital e carícia nos seios e genitais. Além do contato sexual, a violência pode incluir outros comportamentos abusivos como estimular verbalmente de modo impróprio uma criança, fotografar uma criança ou adolescente de modo pornográfico ou mostrar-lhe esse tipo de fotos, expor uma criança à pornografia ou atividade sexual de adultos.

Na definição do abuso sexual devem ser considerados os seguintes fatores: a intenção do autor, os efeitos do ato sobre a vítima, a avaliação do ato por parte de um observador, além da fonte das

normas que orientaram a avaliação do fato. Há a necessidade de se distinguir os atos praticados para estímulo sexual do agressor e outros simplesmente para transmitir sentimentos de afeto.

A violência sexual contra crianças e adolescentes tem origem nas relações desiguais de poder entre os personagens do crime. Dominação de gênero, classe social e faixa etária sob o ponto de vista histórico e cultural contribuem para a manifestação de abusadores e exploradores (VIVARTA, 2003, p.27).

Essas correlações de forças contribuem para a violação dos direitos das crianças e adolescentes, vítimas desses agressores. Em alguns casos diz respeito à importância ou significado que a vítima atribui ao autor da violência sexual antes de ele se mostrar como agressor.

O abuso sexual predominantemente ocorre no espaço doméstico, tendo como principais agressores, o pai, o padrasto, ou ainda pessoas conhecidas que participam do cotidiano da vítima. A dificuldade de quantificação da violência sexual acentua-se pelo encobrimento do fato nos tabus culturais, nas relações de poder estabelecidas entre os membros das famílias e na discriminação das vítimas consideradas como criminalizadas pelo acontecimento.

3. UMA RELAÇÃO PARADOXAL: FAMÍLIA

Nota-se que a família contemporânea tem passado por grandes transformações, muitas vivem em um contexto paradoxal ora ama, ora odeia sua prole. Observa-se isto bem marcante em algumas famílias vulneráveis socialmente. Estas estão mais suscetíveis às violações, aos vícios e aos atos infracionais.

A família vive atualmente constata mudanças, ela tem sofrido significativamente com as pressões do mundo capitalista e com o consumismo moderno. Com a ausência dos genitores nos lares, muitas crianças e adolescentes estão crescendo desprotegidos e vulneráveis. Na contemporaneidade a família passa por diversas mudanças em muitas dimensões, especialmente nas relações intergeracionais e de intimidade, caracterizadas pela maior expressão dos afetos e busca de autonomia dos seus membros, a embasar a construção subjetiva individual.

Este núcleo fraternal encontra-se em constante mudança por participar dos dinamismos próprios das relações sociais. Integrada no processo social, ela passa por transformações significativas. Em meio às turbulências culturais e sociais, a família empenha-se em reorganizar aspectos da sua realidade que o ambiente sociocultural vai alterando.

A violência incestogênica, suas representações e dinâmica, os elementos de poder entre os gêneros, as fases críticas desta violência e como se constituem no espaço e lugar. As características principais do incesto é o abuso sexual ligado ao vínculo familiar ou afetivo. A revelação deste fenômeno é difícil e doloroso para as vítimas que amam e confiam nos agressores, por isto os pactos de silêncio e a revelação apenas quando têm noção da gravidade da violação.

Quando avaliamos o contexto sócio histórico e espacial da família, pensamos em alguns paradoxos, aquela que protege e empodera seus membros e outra que viola, agride e menospreza. Tratar do lado ruim da história nem sempre é algo prazeroso, mas necessário. É notório que existem famílias que guardam inúmeros segredos, questões proibidas e práticas que perpetuam por gerações. Neste ponto gostaríamos de literalmente invadir esse espaço familiar e expor os “ditos” relacionamentos incestuosos, um fenômeno velado que precisa de nossas intervenções.

Em Porto Velho essa realidade não é diferente, notamos também que a maioria das casas são sustentadas financeiramente e emocionalmente por mulheres. Observamos que os genitores na contemporaneidade não exercem mais sua função paternal, transferindo todo esse papel para a mulher.

Nas famílias observadas nesta amostra nota-se que a maioria dos lares é, sustentado apenas pelas genitoras ou mulheres da família extensiva (tia/avó). Na maioria dos casos analisados os agressores saíram da casa, (devido à determinação judicial até o julgamento), mas frequentam diariamente, muitos “punem” a família não a sustentando financeiramente, por isto o medo da revelação e da “destruição” do lar. Muitas destas mulheres, por não serem empoderadas/encorajadas, por dependente emocionalmente e financeiramente, preferem abrigar tais agressores, e fechar os olhos para a violência sexual em seus lares.

Nas coletas de dados obtive-se informações peculiares da família incestogênica. Um dos fatores fomentadores que criam brechas para os agressores são as famílias vulneráveis socialmente. As famílias incestogênicas geralmente são esquecidas pelo poder público quanto à efetivação de seus direitos sociais. As políticas públicas não conseguem atender as demandas básicas da população, trabalham de forma “curativa” não preventiva.

Tendo em vista os aspectos pesquisados nas famílias atendidas pelo CREAS, análise documental e observação a campo, nota-se que elas têm características similares que demarcam a violência sexual intrafamiliar em Porto Velho, que segue:

- Mães jovens - são mães que tiveram filhos durante a adolescência, em geral solteiras, com relacionamentos afetivos temporários e filhos de diferentes pais;
- Relações instáveis - relacionamentos transitórios em que trazem filhos do primeiro relacionamento;
- Indefinição na composição familiar primária - são famílias reconstituídas depois do divórcio, famílias extensas incluindo três ou quatro gerações passando a conviver na mesma casa;
- Mães como figura central - famílias monoparentais chefiadas por mulheres.
- Falta de comunicação das mães com os filhos - a comunicação é uma dimensão de extrema importância na vida familiar e às vezes por falta dele os membros constroem uma barreira afetiva e de diálogo intransponíveis.
- Mudanças habitacionais - as famílias migram constantemente para outras localidades, bairros periféricos, distritos e municípios.

Observamos nos pontos elencados que nos casos que a mulher assume a responsabilidade econômica do lar, ocorrem modificações importantes na qual ela passa a ter o papel de chefe da família, única provedora dos filhos, na qual passa ter como identificação de homem com autoridade moral que se confere a respeitabilidade da família.

A família é um lugar privilegiado de convivência, mas não significa que não ocorram conflitos. Notamos que cada ciclo da vida familiar exige ajustamento das gerações, envolvendo, portanto, o grupo como um todo. Esses conflitos podem ser manifestos ou latentes, o modo de resolvê-los é que faz a diferença, ou seja, a construção coletiva ou a destruição da estrutura familiar.

4. EMARANHADOS INCESTUOSOS

O núcleo familiar é um contexto que pode ser fortalecedor ou esfacelador de possibilidades e potencialidades da criança e do adolescente. Com as alterações na sociedade brasileira as famílias têm modificado sua identidade a cada ano. Idealizamos uma família que permanece forte em seu vínculo, afetos, proteção, cuidado, promovendo melhor qualidade de vida aos seus membros. Entretanto temos que enxergar a família em um movimento que organiza e reorganiza dentro do universo social.

Os arranjos incestuosos são bárbaros, tais vítimas são menosprezadas e excluídas do contexto familiar e social. O incesto geralmente não consiste de um ato isolado, podendo estender-se por meses e até anos, ou jamais ser descoberto. A vítima abusada não esquece a experiência. Ela pode até não lembrar do ocorrido, mas traz em seu inconsciente todo o drama vivenciado, afetando, dessa forma, suas emoções e relacionamentos no decorrer de sua vida.

A psicanalista Carla Faiman, adverte quanto as interações incestogênicas:

A proibição do incesto tem o aspecto de uma lei que estabelece uma ordem cujas repercussões são muito amplas e podem ser verificada em diferentes níveis, como o do desenvolvimento psicológico individual, familiar, pela definição das gerações e das funções de cada pessoa no núcleo familiar, e no que se refere à interação na comunidade, uma vez que os parceiros para os filhos que crescem devem provir de famílias diferentes. Sobe a mesma questão, a partir de outro ângulo observamos que a experiência da concretização do incesto denuncia uma falha na organização das funções na família e na sua dinâmica psicológica e tem importantes repercussões na constituição do mundo mental das pessoas que, direta ou indiretamente, são envolvidas, caracterizando uma situação de abuso. (FAIMAN, 2004, p. 20)

Esta falha na organização das famílias que expõe meninas a violação sexual, estes vulneráveis aos agressores, que estão tão próximos, que nunca serão suspeitos. Nestes casos, a maioria das genitoras só acreditam na violação se de fato forem confirmadas pelo exame de corpo delito e conjunção carnal. E muitas vezes as vítimas ainda são questionadas quanto à veracidade das informações.

Para AZEVEDO e GUERRA (1998), a vitimação na família incestogênica constitui como uma forma de aprisionar a vontade e o desejo da criança, submetendo-a a um poder do adulto, a fim de coagi-la a satisfazer os interesses, as expectativas ou as paixões deste: o poder disciplinador, exigindo que a vítima seja cúmplice, num pacto de silêncio. Para as autoras o incesto é caracterizado como as relações de caráter sexual exercida entre um adulto e uma criança, havendo entre eles laços de consanguinidade, afinidade ou de responsabilidade, que os proíbem, segundo a lei e ou os costumes.

De acordo KORNFIELD apud CECОВI (2000) há dois tipos de incesto: incesto intrafamiliar - o abusador é pessoa ligada a vítima por laços de consanguinidade ou afinidade, (pai, mãe, avos, tios, irmãos, padrasto, madrasta, cunhados, etc.); e incesto polimorfo ou extrafamiliar - em que o abusador pode ser qualquer pessoa que ocupe um papel significativo na vida da criança vindo assim a ganhar a confiança dela e, conseqüentemente, levar uma vantagem psicoemocional em sua vida, (amigos, vizinhos, religiosos, dentistas, médicos, professores, etc.).

Características peculiares são apresentadas por esta famílias que apontam à vitimização. É notório o abuso de poder, em que o mais forte subjuga o mais fraco a fim de atender suas vontades e desejos. Existe um elo de “confiança e responsabilidade” unido à vítima ao abusador, sendo a traição da confiança um dos aspectos mais marcantes desse tipo de violência. O silêncio é imposto à vítima através de chantagens e ameaças.

Quando o abuso sexual acontece na família, a criança pode ter medo da ira do parente abusador, medo das possibilidades de vingança ou vergonha dos outros membros da família ou, pior ainda, temer que a família se desintegre ao desvendar seu segredo.

Devemos considerar o incesto como um ato egoísta, que atrapalha e destrutura a família. Algumas crianças abusadas sexualmente podem ter dificuldades para estabelecer relações harmônicas com outras pessoas, podem se transformar em adultos que também abusam, podem se inclinar para a prostituição ou podem ter outros problemas sérios quando adultos, em outros casos mais severos, pode levar a psicopatia³⁷.

Para Bass e Thornton (1985), citados por Morgado:

Quando um homem usa sexualmente uma menina está lhe passando uma forte mensagem sobre o mundo: que ela só é importante por causa de sua sexualidade, que os homens querem que as meninas deem sexo e que os relacionamentos são insuficientes sem sexo. Está dizendo que ela pode usar sua sexualidade como forma de chamar a atenção e conseguir o afeto que necessita, que o sexo é um instrumento. (MORGADO, 2001, p. 50)

Os autores ressaltam que quando há a violação sexual de uma menina em plena fase de desenvolvimento, elas acabam por banalizar seus corpos juvenis e internalizam que as relações de afetividades são preestabelecidas mediante a sua sexualidade. Com isto anulando a singeleza de seus sentimentos e emoções, suas relações se tornam fundadas nas trocas ou barganhas. Infelizmente, não tiveram a oportunidade de conhecer sentimentos saudáveis e duradouros.

As vítimas do incesto optam por guardar em segredo a violação, por serem intituladas de mentirosas ou até mesmo punidas. Muitos tem a crença de que as crianças mentem e os adultos falam a verdade, ou que as falas e expressões das crianças são menos válidas comparadas com as afirmações dos adultos. O segredo ainda pode ser reforçado por violência e ameaças latentes ou veladas.

O rito do incesto é tão intenso que a pessoa que abusa torna-se ‘outra pessoa’ para a vítima. A dissociação da realidade não permite que a criança perceba a realidade do fato e também não consiga nomear a experiência de abuso como violência. O perpetrador tenta negar a experiência de abuso através da escuridão, silêncio, contato físico ritualizado, evitando o contato visual e

³⁷ Caso apresentado no documentário “A ira de um Anjo”.

outros aspectos que acontecem na interação. As ameaças por parte do agressor e a estrutura negadora da realidade da experiência impede que a vítima seja capaz de chamar esta violação de abuso sexual.

Destaca-se que muitas vítimas permanecem obscuras devido as ameaças sofridas, a vergonha pelo ocorrido. As marcas deixadas a cada dia vão ficando mais profundas e difíceis de descobrir, tal violação é “fácil” de esconder e permanecer velada, pois envolve o descobrir da sexualidade, a invasão dos corpos, a dor, culpa e o medo.

5. LAR: LUGARES TOPOFÓBICOS

O sentido de lar nos arremete a convivência em família, e traz uma conotação sentimental de casa/abrigo com uma atmosfera de amor e carinho. Também pode ser conceituado como um lugar harmônico, em que descansamos, suprimos nossas carências emocionais, interagimos e nos alegramos.

Um lugar onde todos anseiam, o lar, transmite segurança aos seus habitantes, um espaço construído por laços afetivos, composto por símbolos, experiência e cheio de significados. Lá somos aceitos como verdadeiramente somos, com nossas manias, deficiências e qualidades, um ambiente topofílico e saudável.

Este é o lugar que deve representar segurança e cuidados mútuos, entretanto esta é uma realidade distante em muitas famílias brasileiras, infelizmente o lar pode ser um ambiente hostil e antagonico (Topofóbico). Principalmente quando tratamos da violência sexual intrafamiliar, em que todos esses conceitos de estabilidade e harmonia são banidos. Ao passo que distingamos esses sujeitos de direitos meramente como corpos, não vemos o valor de suas almas e que ali há um ser singular.

Os conceitos de topofilia e topofobia nos permite compreender a relação entre o temor despertado pelo espaço, quando um grupo social o define como espaço de violência (topofobia); por outro lado, a afetividade que a ele pode ser associada por seus moradores como espaço vivido (topofilia). “Os espaços do homem e da mulher, refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade” (TUAN, 2006). Desta feita, ratifica a ideia de que o espaço reside não apenas fora, mas também dentro de mulheres e homens.

O lar topofóbico é um ambiente que emerge sentimentos e emoções de aversão, medo, melancolia e dor, é basicamente um elo negativo do indivíduo com o lugar. O ambiente físico violento, opressor pode ser caracterizado como Topofóbico. O lar incestogênico para a vítima é carregado de medos, traumas e fobias. Tuan em suas obras “Paisagem do Medo” e “Espaço e Lugar”, esclarece sobre os medos e como se dá essas representações do indivíduo no lugar e espaço.

Quanto ponderarmos apenas o lar enquanto lugar, que deveria ser de proteção, cuidado, zelo, um porto seguro, um baluarte. Esquecemos que para essas meninas, violadas é uma prisão com noites escuras e sóbrias.

O lar é cheio de representações, estas podem ser boas ou más. Este é representado e denominado, consoante o geógrafo Tuan (1983), Lugar, aquele onde tenho aconchego, afeto, em que minhas necessidades básicas são sanadas. Este Lar/Lugar pode trazer várias filias e fobias.

Esta pequena amostra utilizaremos os conceitos elaborados por Yi-Fu Tuan (2012): *Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito vivido e concreto como experiência pessoal, precisamos de filia, de aconchego, de proteção [...]*.

A topofilia é um conceito arraigado pelos sentidos e sentimentos, conforme Tuan:

A palavra “topofilia” é o neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, pode ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 2012, p.135)

A filia ao lugar, ou seja, os elos afetivos existente no lar são construídos pelos membros que nele habitam. Neste ambiente são despertados vários sentimentos, que fazem parte da construção social do indivíduo.

Nestas famílias incestogênicas notamos que as vítimas, na maioria, ainda tem sentimentos bons, há a topofilia pelo espaço vivido, porém o lugar físico (quarto/casa) representa um ambiente topofóbico.

Na maioria das vezes tais vítimas, quando vão a outros lugares ou quando são acolhidas não querem retornar aos lares. Onde muitas vezes permanece o agressor, por mães coniventes e devido a morosidade da justiça. Quando são adolescentes a maioria preferem viver pelas ruas, pois a casa é um lugar indesejável (topofóbico), ficando vulneráveis a dependência química e principalmente a exploração sexual. O corpo para essas meninas representa um espaço violado, inútil e sem valor. Apenas um objeto sem sentimentos ou emoções.

Ao sopesarmos os lares incestogênicos, nota-se nestes lugares características semelhantes, mulheres sem expressão totalmente subordinadas aos companheiros, existem inúmeras violações, sendo a sexual (apenas mais uma), evasão escolar evitando a interação com outras pessoas e dependência financeira.

As violações sexuais foram e ainda são perpetuadas por esses corpos serem tratados como objetos. Os adultos, infelizmente, ainda carregam uma tradição em que as crianças e adolescentes não são capazes de pensar, que são menores “inferiores”, são vários os modelos estereótipos criados, principalmente quando meninas.

Segundo Tuan (1983) a compreensão de Espaço e o Lugar: *o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. [...] são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. [...]*.

Tuan ainda relata que há dois tipos principais de espaço:

Podem-se distinguir dois tipos principais de espaço mítico. Em um deles, o espaço mítico é uma área imprecisa de conhecimento deficiente envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro, é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas. [...]. O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dados pela experiência direta. [...] (1983, p.97)

O espaço que relatamos é o mítico que arremete a vida cotidiana e as experiências traumatizantes vivenciadas por estas vítimas, e como elas percebem o espaço familiar. Tuan nos esclarece quando as recepções do espaço e quando estes fundem com o lugar. Para exemplificar o lar é um modelo deste espaço que atribui personalidade, sendo a residência o lugar habitado.

A percepção do espaço dentro do lugar, o lar, é infinitamente divisível, um abrigo individual e portátil. Este lar incestogênico traz várias representações para a vítima, que vive paradoxalmente, ora ama, ora odeia o espaço do lar e sua habitação. Na pesquisa observamos que a Rua para a maioria das vítimas que foram violadas na infância - hoje adolescentes - representa lugar de aceitação e proteção, e a casa (onde permanece o agressor) representa o não lugar, o medo, a vergonha, os conflitos e a raiva.

Tuan apresenta as singularidades do espaço e do lugar onde acontece a violência sexual. O referido geógrafo adota um aspecto humanista ao conferir sentido ao lugar, atendo-se a perspectiva da afetividade que o indivíduo nutre e compreende o meio ambiente. Para Tuan a percepção se dá através dos sentidos, de formar uma visão de mundo e de ter atitudes em relação ao ambiente encontrado.

O geógrafo Tuan (1983) também faz uma reflexão sobre as múltiplas maneiras pelas quais as pessoas sentem, pensam e agem nos espaços e nos lugares, tendo a experiência como item proeminente na construção da realidade.

Assim, o espaço é algo aberto, livre, amplo, vulnerável, desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Não há no espaço padrões estabelecidos que revelem algo, ou seja, é como se o mesmo fosse uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. Por outro lado, o lugar é algo fechado, íntimo, seguro e humanizado, pois representa um mundo com significado

para quem o erige e o vive. O lugar é a dimensão do mundo vivido e das experiências diárias dos sujeitos, como também é um espaço carregado de valores simbólicos que possui importância para indivíduos e coletividades.

6. FENOMENOLOGIA: CAMINHOS TRAÇADOS

O presente trabalho teve como percurso metodológico a fenomenologia, que nos permite navegar pelos diversos mundos, conhecendo seus habitantes, vivenciando suas vidas e sentindo suas experiências através da observação participante. Para compreendermos a dinâmica da violência sexual intrafamiliar este método nos fornece mecanismos de análises das manifestações deste fenômeno no espaço vivido e no lugar habitado.

A autora Sandra Lencione (1999), relata sobre a fenomenologia, e descreve que:

“acima de tudo, é preciso ressaltar que a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a ‘intencionalidade da consciência’ é considerada chave” porque a “consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental”, procurando romper “a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador” e firmando-se “uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer com seus modelos teóricos”. Com essa perspectiva, o espaço vivido, como “revelador das práticas sociais” passa a ser a referência central, colocando-se o lugar no centro da análise. (p.150)

A fenomenologia nos permite dialogar com o sujeito e analisar a intencionalidade através do meio e do espaço vivido. Analisar o espaço vivido pelas vítimas e o lugar da violência nos permite aprofundar nos pactos estabelecidos entre os sujeitos. A dinâmica da família incestogênica pode ser sopesada à luz de mecanismos fenomenológicos, em que a subjetividade é observada e considerada um elemento importante para a discussão científica.

Empregamos a ideia central da fenomenologia, o conceito de “intencionalidade” que a mente sempre está dirigida para algo. A “intenção” significa a tendência para algo, ela orienta o objeto, dessa forma, o conhecimento só é possível se tiver atraído por um objeto. A proposta de usar esse enfoque está relacionada com valorização do sujeito, não visto mais como objeto. A pesquisa busca o subjetivo e a valorização do mundo vivido, o qual relaciona a experiência de cada menina de forma diferenciada e subjetiva. Desse modo elas dão o significado às coisas e transmitem suas representações de mundo. A fenomenologia sempre irá passar pelas vivências que são únicas e singulares.

Os aportes fenomenológicos auxiliam na compreensão deste mundo vivido, na compreensão de que espaço e tempo se vinculam na experiência de vida de agentes sociais em determinado espaço. Após uma abordagem fenomenológica se torna possível uma melhor forma de observar e analisar o espaço vivido dessas vítimas. Para melhor discernimento, a respeito da utilização deste como aporte metodológico, é necessário o conhecimento a respeito do conceito fenomenológico, para isso nos embasamos em Tuan.

Para Tuan (2012), que buscando alternativas de abordagens, explica que a Geografia oferece esperança, pois a terra é o lar das pessoas, de mulheres e homens com suas singularidades. Referido autor causou grande impacto para a comunidade geográfica, quando subscreveu a obra Topofilia. Com tal publicação a Geografia Humanista ganha referência, e seus conceitos começam a difundir. Tuan trouxe um novo olhar, abriu horizontes, aguçou a imaginação e auxiliou no fortalecimento do pensamento humanista sobre o indivíduo e o ambiente, pensamento baseado nessa afeição e envolvimento com o lugar.

As ferramentas da fenomenologia nos dá a possibilidade de observar e compreender os lugares e os espaços construído a partir da visão de mundo e das experiências vividas, neste caso, meninas vítimas de violência sexual, o qual tivemos acesso a suas histórias e suas experiências através da observação participativa com relatos em diário de campo.

Utilizamos como principal instrumento metodológico, para a coleta de informações sobre o histórico das vítimas, utilizamos a Observação Participativa com relatos em Diário de Campo.

Estas ferramentas foram essenciais para a abordagem dos sujeitos pesquisados. “Arte de ver, arte de ser, arte de escrever” (WINKIN, 1998, p. 132).

Ressalta-se uma questão importante registrada por Vianna (2007), o qual, diz respeito a prática da Observação Participativa, podendo ser ela aberta ou oculta. Na primeira delas, o observador é identificado e os sujeitos sabem que estão sendo observados. Na segunda, existe um sigilo sobre o observador e ele age como os demais sujeitos. Em nossa amostra empregamos a primeira delas, por ser a mais indicada e com uma posição ética mais coerente diante dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Para o registro das informações feitas a campo utilizamos o diário de campo, sendo este um instrumento formidável na trajetória do trabalho. De acordo com Winkin (1998), nele deve ser registrado tudo aquilo que foi vivenciado e observado em campo.

Compreende-se que as famílias selecionadas apresentam formas distintas de aceitação ou repulsa da violação sofrida pela vítima. Espaços estes que podem ser observados através da fenomenologia. Nestes lares, através das falas, podemos adentrar e entender a dinâmica e as formas de sobrevivência. O lugar da habitação, muitas vezes, representa insegurança, rejeição e hostilidade.

A família incestogênica vive em um emaranhado de sentimentos paradoxais, desejos e comportamentos difíceis de serem compreendidos, mas a fenomenologia nos permitirá adentrar de forma sutil, e compreender parte da simbologia deste espaço vivido e do lugar em que manifesta esta violência.

7. DIALOGANDO COM OS RESULTADOS

A cidade de Porto Velho apresenta um misto de culturas nortistas, nordestinas e manauara. Tem características de capital, mas traz várias singularidades do interior do estado de Rondônia, neste modo de vida rudimentar esconde algumas violações contra a mulher. Dentre elas pontuamos a violência sexual que está baseada no uso de força arbitrária e coerciva ou indução da vontade³⁸, está com a finalidade de causar danos e saciar o prazer do agressor através da dor da vítima, em uma relação assimétrica de poder (o macho viril superior à fêmea).

A localização do trabalho é na região amazônica do país, precisamente, localizados na parte oeste da Região Norte do Brasil, o Estado de Rondônia encontra-se em área abrangida pela Amazônia Ocidental. A escolhida foi região urbana de Porto Velho, delimitação da pesquisa. A capital é dividida por zonas urbanas, totalizando sete regiões, Norte, Centro-Oeste, Sudoeste, Sul, Centro-Norte, Centro-Leste e Leste.

Para compreensão do *Locus* onde foram coletados os dados, o serviço de atendimento às vítimas de violência sexual está inserido na Política de Assistência Social, no Centro de Referência Especializado em Assistência Social - CREAS no município de Porto Velho.

Sabemos que a violência intrafamiliar é presente em nosso país e afeta principalmente as meninas em sua infância e adolescência. Em Porto Velho este contexto não é diferente, conforme verificamos em campo e através dos dados coletados em instituições de proteção infanto-juvenil.

Como universo da pesquisa formamos selecionamos vinte famílias para construção de um quadro para melhor compreensão dos casos com as principais semelhanças entre as vítimas: cor, idade, vínculo com o agressor, renda, escolaridade e com quem reside. Dentre essa fora tiradas seis casos para uma análise mais detalhada através da observação participativa.

As famílias selecionadas foram por serem casos considerados graves e em alguns lares permanece a convivência com o agressor. As faixas etárias foram de 05 a 18 anos, idade quando houve a revelação e iniciaram as intervenções profissionais.

No gráfico 01 há casos em que quando aconteceu já houve a verbalização e cessou a violação sexual, mas estes são raros, a maioria predominante foi na infância ou pré-adolescência e apenas

³⁸ A Indução da Vontade, geralmente é feita através de presentes, promessas e concessões de privilégios. É importante ressaltar que mesmo não existindo uma violência real, a violência presumida subsiste. A criança não pode ser considerada culpada em hipótese alguma. A culpabilidade deverá sempre recair sobre a pessoa do adulto que tem o dever e o poder de proteger a criança. (Centro de Combate à Violência Infantil - CECОВI, 2008).

revelaram na adolescência. Destacamos, também, que algumas meninas chegaram ao serviço de atendimento após alguns meses ou anos após a revelação da violência sexual devido à morosidade dos serviços públicos.

No desenvolver da pesquisa foram coletadas informações junto Centro de Referência - CREAS onde avaliamos Relatórios Anuais do Serviço de Violência Sexual, à pesquisa a campo foi através de análises documentais e observação participativa com coleta de dados em diário de campo.

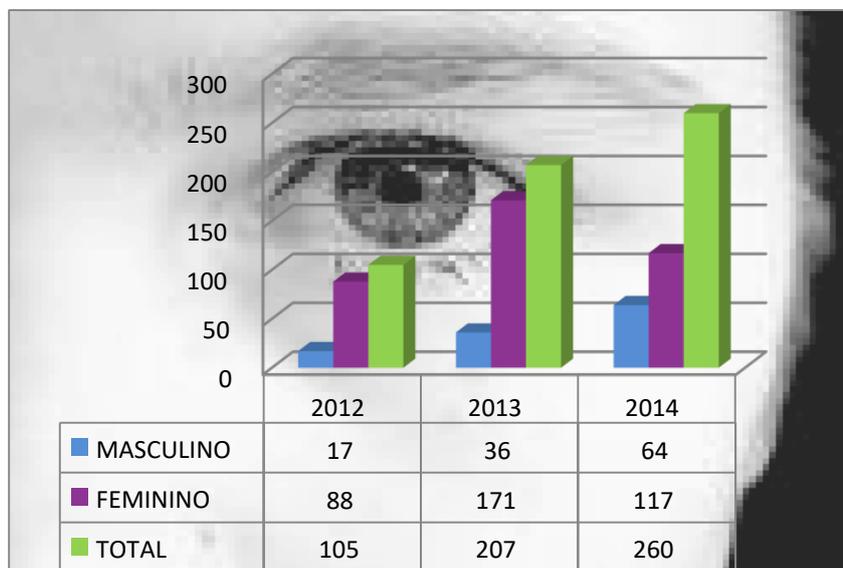
Ressaltamos que o incesto inclui toda agressão com finalidade sexual, com ou sem contato físico, tendo ou não a indução da vontade da vítima. Este abuso é praticado por uma pessoa que tem poder sobre a outra e ocorre preferencialmente no lar ou em qualquer local público. Tal violação é uma exploração do poder, as pessoas jovens, particularmente as meninas, estão especialmente em risco e as violações podem ter consequências duradouras para sua saúde e violam seus direitos sexuais e reprodutivos.

Infelizmente podemos notar que nestas relações incestogênicas a menina é usada como objeto de prazer e gratificações sexuais, sendo um processo de coisificação da vítima destruindo sua infância ou adolescência. Os agressores sexuais abusam/exploram estes corpos juvenis meramente como objeto para saciar seus impulsos e desejos sexuais deturpado.

O incesto refere-se ao abuso sexual de uma criança por outro membro da família. A definição legal de incesto é a coabitação entre pessoas aparentadas em um grau no qual o casamento seria proibido por lei.

No CREAS, colhemos dados dos anos de 2007 a 2010, de 2011 destes tivemos informações somente do primeiro semestre com apenas 66 casos notificados, as informações do segundo semestre estavam desconstruídas por isto decidimos não apresentá-las. No gráfico a seguir apontaremos os dados anuais de 2012 a 2014 dos casos que chegaram ao conhecimento público através dos órgãos de defesa e proteção das vítimas.

Gráfico 01 : Casos de Abuso Sexual CREAS/PAEFI



Fonte: Relatório Anual - CREAS/PAEFI. Org. Lyra (2015)

No gráfico verificamos que em 2012 foram atendidos no CREAS/PAEFI apenas 17 meninos e 88 meninas, totalizando 105 casos. Estes números que tivemos acesso não esclarecem as idades nem informações mais detalhada das vítimas. Estes casos foram os que chegaram ao conhecimento público e registrados nos órgãos de proteção a vítima.

Em 2013, conseguimos dados mais detalhados, onde foram realizados no total 207 atendimentos psicossociais as vítimas e seus respectivos familiares (membros não agressores). Pontuamos neste ano 171 corresponde ao gênero feminino o que equivale a 83% dos casos atendidos e 36 ao gênero masculino, ou seja, 17% do percentual total.

Nos relatórios anuais conseguimos ver à idade das vítimas, sendo 41 casos atendidos correspondem entre 0-6 anos de idade ficando com 20% do total, 67 casos entre 7-12 anos o que

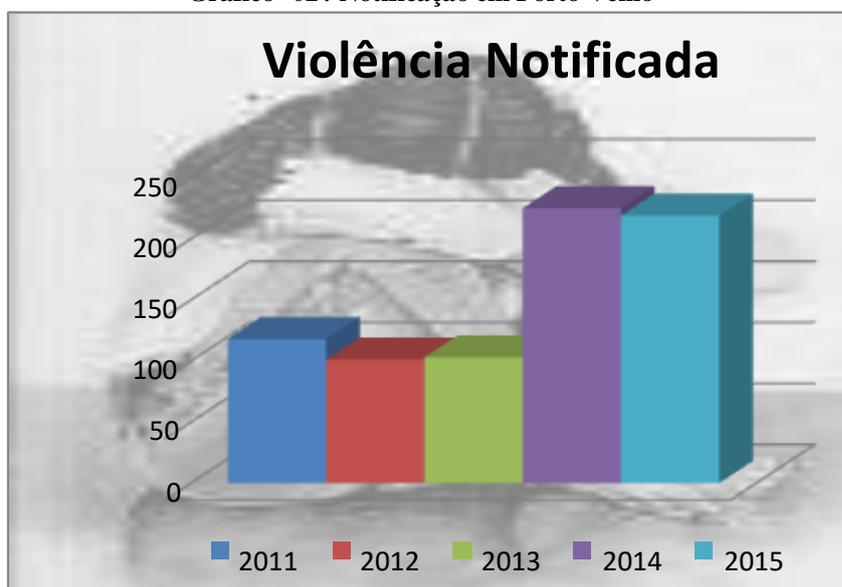
equivale a 32% e 99 casos entre 13-18 anos ficando com um percentual de 48%. As informações mais recentes, obtivemos através do Plano Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual contra Criança e Adolescente de 2015.

Através do Disque 100 verificamos, em Rondônia, os números registrados pelo dique denuncia no período de 01/07/2012 a 31/03/2013 onde foram notificado 1.377 denúncias sobre violência contra crianças e adolescentes. Em Porto Velho foram 836 casos registros totalizando (60%) das denúncias. Sobre os tipos de violência notificados, encontramos o seguinte: negligência 72%; violência psicológica 45%; violência física 41%; violência sexual 33%; exploração do trabalho infantil 11%; outras violações dos direitos humanos 3%.

Pontuamos que quando dialogamos com os profissionais de atendimento a violência sexual no CREAS compreendemos que os dados registrados nos órgãos de proteção são insignificantes, pois são relevados nos atendimentos outras vítimas (irmãs, tias, primas, vizinhas). Formando assim uma rede de meninas abusadas, muitas vezes pelo mesmo agressor.

Conseguimos com a Secretaria Municipal de Saúde - SEMUSA os dados específicos de crianças as adolescentes vítimas de violência sexual em Porto Velho nos últimos cinco anos (2011-2015) que foram notificadas nas Unidades de Saúde, de acordo com o gráfico a seguir:

Gráfico 02: Notificação em Porto Velho



Fonte: SINAN/DVEA/SEMUSAPHV - 2015. Org. Lyra (2015)

Consoante informações contidas no gráfico foram notificadas e atendidas pela SEMUSA 118 casos no ano de 2011, foram coletados 101 notificações em 2012, no ano de 2013 foram 103 vítimas, em 2014 são 225 casos e mais recentemente em 2015 até setembro 219 casos de violências contra a criança e adolescente. Salienta-se que estes dados são apenas as vítimas que foram notificadas e passaram por unidade de atendimento hospitalar, entretanto muitas vítimas permanecem anônimas.

O processo de seleção junto ao CREAS das famílias originou a criação do quadro, onde os nomes das vítimas são preservados através de nomes fictícios, optamos por usar qualidades femininas. No quadro a seguir foram elencadas 20 famílias, estas selecionadas para relato de caso (acesso através de documentos), estas acompanhadas pelos profissionais do CREAS/PAEFI do ano de 2010 até 2014, casos caracterizados como incesto intrafamiliar, residentes na região urbana de Porto Velho. Pontuamos que dentre essa 20 famílias conseguimos efetivar a Observação Participativa em apenas 10 casos que serão relatados no decorrer deste capítulo, todos descritos em Diário de Campo. Posteriormente serão relatadas algumas histórias das vítimas, preservando suas identidades e mantendo o sigilo profissional.

Para o melhor entendimento do quadro usaremos a primeira família como modelo. Na primeira coluna (FAMÍLIA) temos dispostas 20 famílias sendo 28 vítimas, pois há mais de uma vítima na

mesma casa. Exemplo (Fam.01) composta por Bela de 9 anos e Linda de 12 anos (as idades são de quando iniciaram os atendimentos), a identidade foi preservada (“NOME”), iniciaram os atendimentos e terminaram no ano de 2010 (INC. / TERM.), ambas são brancas (COR), encaminhadas pela DEPCA (ENCAMIN.), foram abusadas pelo Padrasto (AGRESSOR), estavam cursando o Ensino Fundamental (ESCOLARIDADE), e na época ficaram morando com as tias (RESIDE COM) em residências diferentes no (BAIRRO) Juscelino Kubitschek - JK, as duas residências com baixa renda (RENDA), ambas Beneficiárias do Bolsa Família - única fonte de renda fixa, a escolaridade das responsáveis (ESCOLARID. RESP) não foram informadas nos documentos analisados.

Apresentamos as histórias das seis famílias observadas de forma participativa e interativa, para a compreensão da dinâmica familiar incestogênica, estas atendidas no CREAS pela equipe técnica. A família nº 15 é composta por quatro irmãs “Serena”, “Vaidosa”, “Digna” e “Bondosa”, a história será relatada a seguir:

Serena, dezessete anos, veio para atendimento no CREAS após alguns anos do ocorrido, a interação com a adolescente foi muito difícil devido ao medo e vergonha. O fato aconteceu no Assentamento Joana Darck, Serena e suas irmãs foram abusadas pelo padrasto, primeiro aconteceu com Serena depois as irmãs assim que cresciam, entre a pré-adolescência e início da adolescência. Serena relatou para a genitora, mas ela não acreditou e começou a lhe agredir psicologicamente até conseguir expulsá-la de casa, vindo a morar com a avó materna e posteriormente com o tio em Porto Velho. Um episódio marcante, relatado, foi que a adolescente em um dado momento, “possivelmente grávida”, ficou sem menstruar alguns meses, relatou para a mãe do padrasto (“avô”), que diante desta informação fez um remédio (chá), insistiu para que tomasse, e após ingerir passou muito mal e depois menstruou muito (hemorragia)... A equipe acredita que a adolescente ficou grávida (e abortou) e não teve noção do ocorrido... E ainda não teve noção da gravidade, ou do que ocorreu. Ela conta o episódio de forma ingênua... A irmã Vaidosa fez a denúncia e posteriormente, sobre pressão, desmentiu tudo, e rejeitou a irmã Serena pelas denúncias contra o padrasto, as últimas informações que tivemos é que Vaidosa permanece morando com a genitora e o agressor, que permanece solto. Digna e Bondosa residem com o genitor em Jaci Paraná, as adolescentes também denunciaram o padrasto pelos abusos sofrido. (DIÁRIO DE CAMPO, 2013 apud LYRA, 2015, p.140).

O caso acima nos remete a muitas famílias incestogênicas, que existe a convivência das genitoras. Isto é “comum” quando são padrastos, instala uma “espécie” de rivalidade por parte da genitora em achar que foi trocada, ali iniciam as agressões e muitas vezes a expulsão da vítima. Muitas dessas meninas abandonadas pela figura central (mãe) são jogadas para a exploração sexual (prostituição), “presas” fáceis para os agenciadores sexuais. A maioria das famílias incestogênicas apresenta este perfil, genitora omissa, prefere o marido a as filhas, fomentando uma relação doentia e egoísta.

A Fam.07 a criança aqui tratada, “Valente” e sua genitora “Esperança”, traz uma história muito triste de um processo transgeracional de violência sexual. Valente é fruto do abuso sexual pelo genitor de Esperança, ou seja, Valente foi abusada pelo pai/avô. Confira a história:

Valente é uma criança de cinco anos, anteriormente vivia com o avô. Foi abusada sexualmente há alguns anos até a revelação... Quando veio para os atendimentos era acompanhada pela genitora Esperança, que denunciou a violência com a filha, porque não queria que ela sofresse igual ela... A mãe só teve afetividade por Valente, e decidiu cuidar/criar após descobrir que a criança era abusada sexualmente pelo avô. Esperança também fora vítima de violência sexual pelo pai (após a morte de sua genitora), da infância até chegar à adolescência, quando engravidou de Valente e fugiu de casa, preferindo as ruas. Valente nasceu ainda na adolescência de Esperança, que por não ter condições de criar a filha, preferiu deixar com o avô/pai. Com a descoberta Esperança por não querer que a filha sofresse mais com as agressões sexuais, requereu a guarda da criança, outrora com o avô... O agressor, estava impune, mesmo tendo abusado da filha Esperança e da filha/neta Valente, até a última abordagem. Atualmente Esperança vive em outro relacionamento tem outros filhos e Valente permanece sob seus cuidados. (DIÁRIO DE CAMPO, 2013 apud LYRA, 2015, p.141).

Observamos que este caso foi bem significativo e muito complexo para equipe técnica. O abuso da genitora só foi relatado nas últimas abordagens, em que a equipe começou a interpretar

o caso, tralharam questões de laços fraternais entre mãe e filha, para superação dos conflitos existente. Para Esperança a convivência com a criança era muito difícil e paradoxal, pois ao olhar para filha e lembrava do estrupo e de todo sofrimento vivido em sua infância e adolescência.

Foram alguns anos de atendimento com a família, Valente durante muito tempo reproduzia o abuso através da estimulação sexual, praticada pelo agressor. A criança por não compreender a gravidade da violação acaba reproduzindo tais práticas. A intervenção profissional é extremamente necessária para a construção de novos significados e redução dos danos sofridos.

Olhemos a história da (Fam.16) que versa parte da vida de “Vitória”:

A adolescente Vitória, de treze anos, indígena, reside na região periférica de Porto Velho, onde nasceu e cresceu. Desde os nove anos, foi abusada pelo genitor, a mãe não é alfabetizada, catadora de lixo, e dependente de recursos governamentais para sobreviver. Quando vitória tinha apenas um ano o pai a chutou contra a parede, não bateu mais na criança porque a genitora chegou, ele nunca manifestou sentimentos afetivos pela filha. A genitora relata que os abusos ocorreram quando a mesma estava trabalhando. O agressor de sessenta anos, já abusou de outras filhas no passado, uma delas ele abusou dos seis até os quatorze anos. A genitora uma senhora pouco instruída, não tem noção da gravidade dessas violações. No último contato tomamos ciência que o agressor estava foragido, e que a prisão já havia sido decretada pela justiça. A família foi apenas em uma intervenção com a equipe técnica, desistiram do tratamento. Visitas domiciliares foram realizadas na tentativa de localizar a família, porém sem êxito. Os técnicos perderam o contato com a família. (DIÁRIO DE CAMPO, 2013 apud LYRA, 2015, p.142).

Observamos que os povos indígenas em nosso estado não têm sido assistidos pelas políticas públicas setoriais, são invisibilizadas nesse processo. Esta família é extremamente vulnerável, observamos que a dependência financeira levou esta mãe a assistir praticamente todas suas filhas serem vítimas de seu companheiro. Sabemos que isto não justifica tais ocorrências, nem minimiza a omissão materna, mas podemos mensurar a miserabilidade que há neste processo hostil. A falta de assistência às famílias monoparentais chefiadas por mulheres é significativa. Quando há a saída deste agressor, que também é o principal provedor ou o único, as famílias ficam à mercê dos benefícios governamentais ou doações. As fragilidades destas famílias são gigantescas e confirmam a cada dia não efetivação de direitos sociais em nosso país.

A história da (Fam.17) adolescente intitulada por “Mansa”:

A adolescente Mansa aos quinze anos, veio para atendimento após a revelação da violência sexual praticada pelo genitor. A genitora não acredita que o marido tenha feito isto, vê como uma imaginação da adolescente, ela sempre foi muito arredia e raramente acompanha a filha nos atendimentos, que comparecia aos encontros sozinha. Mansa dialogava com as profissionais e sempre dizia que a família estava toda contra ela e que era melhor ter ficado calada... Houve vários conflitos na família, após a revelação. No decorrer dos meses observamos a fragilidade da adolescente em voltar para a casa, onde o agressor morava, relatava que não conseguia vê-lo mais como pai. Após alguns meses a genitora compareceu bastante alterada, apenas para relatar que a adolescente não parava em casa e vivia dormindo fora, ajuizando e depreciando a adolescente... Um dos encontros a adolescente disse que não era aceita em casa e nas ruas era melhor, sem brigas, gritos e julgamentos... Mansa foi adquirindo confiança e relatou que neste ínterim, parou de estudar, chegou a fazer programas sexuais e usou drogas... Nesta situação de vulnerabilidade encontrou um adolescente, um ano mais velho, começaram a namorando e resolveram “morar junto”. Relata que saiu daquela vida pelo namorado, disse que algumas vezes ele já a agrediu, mas prefere ficar com ele a voltar para casa dos genitores. Neste ano sabemos que ela teve um filho com o adolescente, o casal foi residir na casa dos pais de Mansa porque o bebe nasceu com microcefalia e necessita de cuidados especiais... A família voltou a se “relacionar” melhor com a adolescente... O casal permanece junto, ora mora com os genitores do adolescente, ora com os de Mansa. Atualmente a adolescente está com alguns transtornos psiquiátricos, conforme observação da equipe profissional. O agressor continua impune. (DIÁRIO DE CAMPO, 2014 apud LYRA, 2015, p.143).

A observação desta família nos relembra o perfil das famílias incestogênicas ditas organizadas, que por um zelo da “perfeição” escondem e perpetuam a violação. E quem ousa revelar, é excluído do núcleo “fraternal”. Fato este obscurecido por toda família, são os pactos de silêncio para a

perpetuação do “status” da família perfeita. Traços típicos das famílias rígidas, que não permitem o acesso e intervenções externas. Este lar para Mansa é cheio de Topofobias, as filias representadas na infância foram destruídas após a violação de seu corpo na adolescência pelo genitor. Este lugar traz medo, vergonha e exclusão, já não existe o espaço para a adolescente usufruir de suas especialidades.

O caso de “Esplêndida” e “Glória” (Fam.18), demonstra uma família desorganizada, monoparental e difusa, com várias pessoas agregadas, membros da família em decorrência do uso de substâncias psicoativa estão com doenças graves, há inúmeros conflitos geracionais, vejamos:

As adolescentes, Esplêndida com quatorze anos e Glória com dezesseis, foram abusadas sexualmente pelo o tio, a mais velha Glória é deficiente auditiva, e nesta trajetória ficou grávida e ela nunca revelou quem é o pai da criança, fatos que apontam para o agressor, hoje a criança tem um ano. As adolescentes chegaram ao serviço por suspeita de exploração sexual. Nas primeiras intervenções, com parte da família, podemos perceber a completa desestruturação familiar, a genitora ora negava, ora relatava, à denúncia, apenas verbalizou de forma sutil que seu irmão já havia abusado de sua filha Esplêndida, mas depois confundia os relatos. A genitora tem muita dificuldade de compreensão, e não foi alfabetizada, já sofreu várias violações por companheiros. A família reside de favor na casa do tio/agressor, onde observamos que na casa funciona algum tipo de tráfico de entorpecentes. Conseguimos elencar aproximadamente onze pessoas na residência, fora os tios que não foram citados. De acordo as vítimas o tio relata “que elas estão em sua casa e ele pode fazer o que quiser com ela, pois dependem dele”. Esplêndida prefere sair de casa a ser abusada, para ela a rua representa segurança... Nos últimos atendimentos constatamos que Esplêndida está cumprindo mediada socioeducativa, é ameaçada por traficantes e pelo “namorado” (39 anos). O contato com Glória é extremamente difícil, porque não foi alfabetizada em LIBRAS e não se expressa por gesto, à genitora relata que às vezes entende a filha... O agressor é envolvido com o tráfico de drogas e até o último contato permanecia solto, cometendo os mesmos crimes com adolescentes. (DIÁRIO DE CAMPO, 2014 apud LYRA, 2015, p.142).

Esta família não compareceu aos atendimentos necessários para as adolescentes, apenas foi nos primeiros agendamentos, e a equipe perdeu o contato. Soubemos por outros profissionais que Esplêndida estava cumprindo medida socioeducativa por cometer algum ato infracional.

As irmãs “Dama” e “Terna”:

Dama com quatorze anos e Terna com quinze anos, afrodescendentes, residem em uma invasão na região periférica da capital. Ambas foram abusadas sexualmente pelo genitor na adolescência, este permanece impune. A genitora também sofre violência constantemente, mas prefere não se manifestar sobre o ocorrido com as filhas, diz que pode ser boato, depois relata que pode ser verdade... Devido às inúmeras negligências na família, as adolescentes foram acolhidas em abrigos, algumas vezes, mas fugiam e retornavam ao lar. Com o passar dos meses a família não compareceu aos agendamentos da equipe, mas em contato com a genitora, disse que as adolescentes recusam qualquer tipo de atendimento ou intervenção. Posteriormente soubemos que Terna foi conduzida, por todos esses conflitos, a exploração sexual e não se vê como vítima, apenas escolhas... Junto à equipe, obtivemos informações que as adolescentes atualmente estão vivendo maritalmente com homens mais velhos envolvidos com crimes e tráfico de drogas. Na tentativa de aproximar das adolescentes a equipe, em visita domiciliar, acabou encontrando o agressor, que com altivez proferiu inúmeras deprecições contra as filhas, tendo a equipe que se retirar do local com muita cautela. Tomamos ciência que este agressor trabalha em escola pública e já teve outros “relatos” de possíveis vítimas... (DIÁRIO DE CAMPO, 2013 apud LYRA, 2015, p.144).

O caso supracitado aponta para uma família que se acovardou diante da revelação, sendo a própria genitora a denunciante. A família permanece em total vulnerabilidade, as adolescentes não se percebem mais como vítimas, acham que é um fato e que todos, algum dia podem sofrer. No contato com Terna, esta expressou muita raiva dos genitores e na tentativa de minimizar a culpa da genitora dizia que o genitor não morava mais na residência. Fato este negado pela equipe que sempre o encontrava nas visitas ao domicílio.

Os casos aqui relatados são histórias reais vivenciadas por estas meninas, que foram vítimas de quem deveria protegê-las, e no lugar onde representaria aconchego. Para estas vítimas o lar,

lugar habitado, representa dor, medo, angústia, cárcere. Para as adolescentes o lugar de acolhimento acaba sendo a Rua, com espaços diversos criados e recriados. O não lugar é o cotidiano dessas meninas vítimas, conforme esclarece Tuan, um lugar topofóbico, com representações ruins e traumáticas.

Nestas observações participativas podemos em muitos momentos sentir a angústia dessas vítimas e ver a vontade delas de sair desse espaço criado, encarcerado e potencializado por estas famílias. Onde impera a lei do silêncio, em que outras violações perpassam o cotidiano das casas, sendo a sexual apenas mais uma dentre tantas omissões e negligências. Não conseguimos visualizar o sentimento de pertencimento quanto ao espaço e lugar, elas se sentem excluídas neste local violativo e topofóbico.

As famílias relatadas, apresentam comportamentos similares com características entre agressor, genitora e vítimas. O agressor é apontado como o principal ou único provedor financeiro, autoritário e violento; as genitoras vistas como omissas, apáticas e passivas (vítimas de inúmeras violações) e as vítimas são oprimidas, tristes, emocionalmente instáveis, e há uma banalização do corpo quando adolescente. Notamos que quando a vítima é criança a recuperação é mais rápido e os resultados são visíveis, já quando são adolescentes, geralmente casos mais graves e por já terem noção do que sofreu os resultados são lentos e não tão visíveis devido ao tempo (anos) de violação. Como dissemos anteriormente a maioria destas meninas foram vítimas ainda na infância e só tomam ciência na adolescência ou na vida adulta.

Em Porto Velho as Zonas mais distinguidas e noticiadas são apenas quatro (Norte, Sul, Leste e Central), a região mais periférica e com grandes porções de “invasões”, áreas insalubres e de difícil acesso é a Zona Leste. Esta infelizmente é responsável, por vários homicídios, latrocínios, disputas por territórios, confronto por drogas, sendo a mais conhecida e ao mesmo tempo esquecida pelo poder público.

Conforme análise da pesquisa, observamos que na Zona Leste desta capital predominam os casos de violência doméstica, em especial destacamos a sexual investida contra mulheres, crianças e adolescentes. Na tabulação dos dados coletados confirmamos que as vítimas de violência sexual estão predominantemente na Zona Leste desta Capital.

A seguir visualizaremos um mapa que foi elaborado, para a melhor visualização dos bairros, correlacionado com os agressores, em que acontecem os casos de famílias incestogênica, quadro 01, das vinte famílias selecionadas. Destaca-se que no mapa a (Fam.08), o distrito de Triunfo foi representado pelo Bairro Teixeira, local onde a vítima estava acolhida por familiares. A (Fam. 13), do Porto Cristo, uma invasão do Bairro São Francisco e Joana Darck e Jaci Paraná representado pelo Bairro Cuniã, atual residente de um das vítimas (Fam.15).

8. REFLEXÕES FINAIS

Consideramos que até aqui cumprimos uma pequena etapa, neste grande universo que é dar visibilidade aos casos de incesto em nossa cidade. Sabemos que não é fácil, e dar expressão a este fenômeno que perpassa por gerações e invade a vida de muitas crianças e adolescente, que muitas vezes estão ao nosso lado e não queremos enxergá-las. Mas, consideramos que a ciência tem esse papel de desnudar esses fenômenos.

São gritos, choros, sons desagradáveis, móveis caindo, ocorrências como essa são angustiantes, principalmente se vindas da casa do vizinho ou até mesmo da nossa casa. Não sabemos como agir e o silêncio parece a melhor saída, afinal a maioria pensa, por envolver num terreno tão perigoso e conflitante com certeza custara muito caro.

A violência custa muito caro, alguns pagam com dinheiro, outros com trabalho, alguns com o silêncio e muitos com a vida. São rumores que ouvimos todos os dias e não fazemos nada. São crianças e adolescentes com sonhos destruídos, futuros incertos, sendo vitimadas pela violação de seus corpos, de suas vidas! O grito é ensurdecido temos que agir e denunciar, são governantes, profissionais, vizinhos, maridos, pais e até mesmo mães.

A violência não tem forma ou regras pré-estabelecidas ela atinge todas as classes sociais, não tem cor nem idade, mas tem gênero, infelizmente estatísticas confirmam que é o feminino, visto com menor ou inferior, em uma relação assimétrica de poder.

A geografia nos permitiu conhecer o espaço e lugar onde ocorre a violência sexual nesta região do país e nos consentiu compreender as topofobias provocadas pela família incestogênica. Tema, este, ainda tratado como tabu em muitas áreas do conhecimento, a geografia das sexualidades nos permitiu dialogar com o fenômeno e descrevê-lo com suavidade.

Notamos na pesquisa que a violação é uma questão de gênero a ser enfrentada, gerando e estabelecendo relações de poder assimétrico, julgando o agressor ser dono da vítima, tratando-o como objeto de prazer.

Um ponto importantíssimo, levantado foi a questão de renda, confirmamos que a família incestogênica permanece “unida”, devido a dependência financeira que as genitoras tem dos agressores, que usam este argumento como moeda de troca.

Notoriamente as genitoras apáticas permitem esta perversidade, ou não querem enxergar, para a continuidade da família. Estas mulheres sempre acham que o agressor vai mudar e não irá tocar mais na filha, outras estabelecem uma relação de disputa, preferindo expulsar a vítima de casa. Notamos também que estas mulheres são vítimas e não se sentem autônomas ou empoderadas para sair desta situação, sendo um processo transgeracional de violência doméstica.

Identificamos que muitas famílias não se preocupam e não seguem os atendimentos necessários, a não ser por intimação judicial. O resultado dessas ações pode ser desastroso, pois a vítima pode internalizar o abuso sexual incestogênico como algo normal e uma forma de carinho, podendo futuramente passar do papel de vítima para agressor.

Destacamos que muitas famílias desistem sem terminar o tratamento, muitas por já terem passado vários anos da violação, outras por não terem dinheiro para o transporte, e muitas pela vergonha em lembrar tal violação. Ficando apenas na história como dados numéricos, sem a efetiva intervenção profissional, extremamente necessária às vítimas.

Os dados apontados revelam que há muito a pesquisar. As notificações e denúncias ainda são poucas, comparadas à dimensão que estimamos da violência sexual infantil-juvenil, em nossa Capital, “tida em alguns lares como normal” e perpetuada por gerações.

A sistematização e publicização desses dados, respeitando o sigilo das vítimas (o anonimato), são necessárias para criação de banco de dados e captação de recursos públicos para o trabalho com essas meninas. O trabalho com essas famílias é muito complexo e a longo prazo, as vítimas e suas famílias devem ter um atendimento especializado, um acompanhamento sistemático para auxiliar na reestruturação individual, familiar e social.

Vemos que a prevenção é a forma mais sábia de construir uma sociedade justa e democrática. Com o compromisso ético profissional podemos assegurar que nossas meninas tenham condições dignas de vida e liberdade. Uma sociedade que investe na família está depositando uma quantia inestimável na estrutura de seu país, estrutura sólida e coesa que traz a sustentabilidade tão desejada por mulheres e homens.

O país, em conjunto com os estados e municípios precisam investir de forma qualitativa nestas vítimas, e assegurar direitos (à vida, à saúde, à segurança, à dignidade humana), proporcionar qualidade de vida e efetivar a cidadania.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO, Maria Amélia, GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo (org). Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2000.
2. AZEVEDO, M.A, GUERRA, Viviane (Orgs), Infância e Violência Doméstica fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2009.
3. BRAUN, Suzana. A violência Sexual Infantil na Família: do silêncio à revelação do segredo. Porto Alegre: Age, 2002.
4. CREAS/PAEFI. Relatório Anual do Serviço de Enfrentamento da Violência Sexual de 2013. Porto Velho/RO, 2013. Relatório.
5. FAIMAN, Carla Júlia Segre. Abuso Sexual em Família: a violência do incesto à luz da psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
6. LYRA, Ana Paula de Aquino Pereira. Diário de Campo. Porto Velho, 2014.

7. LYRA, Ana Paula de Aquino Pereira. Geografia e Sexualidade: o Espaço e Lugar de Meninas Amazonidas no Contexto da Violência Sexual Intrafamiliar. 2015. 165p. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNIR, Porto Velho, 2016.
8. MONTEIRO L.; ABREU, V. I.; PHEBO, L. B. Abuso Sexual: Mitos e Realidade. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados. 1997.
9. MORGADO, Rosana. Abuso Sexual Incestuoso: seu enfrentamento pela Mulher/Mãe. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC. São Paulo, 2001.
10. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 1999.
11. TUAN, Yi-Fu. Geography, phenomenology and the study of human nature. Canadian Geographer. 15 (2), 181-192, 1971.
12. TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL. p. 143-164. 1982.
13. TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de: Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora DIFEL, 1983.
14. TUAN, Yi-Fu. Paisagem do Medo. Traduzido por: Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
15. TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Traduzido por: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.
16. VIVARTA, Veet. O Grito dos Inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes. São Paulo: Cortez, 2003.